

**CINEMA JOMARDIANO: REESCRITURAS CONTEMPORÂNEAS DO
NORDESTE NA DÉCADA DE 70**

Francisco Aristides de Oliveira Santos Filho
Edwar de Alencar Castelo Branco
Universidade Federal do Piauí (UFPI)
aristidesvideo@yahoo.com.br

Neste trabalho, desenvolvido como subprojeto à pesquisa "Fotogramas malditos, discursos in-fames: *superoito e contestação juvenil no Nordeste do Brasil*", procuramos estudar a produção fílmica experimental – em formato não-comercial – do estado de Pernambuco, no recorte de 1970 a 1985. Os dados levantados se somaram àqueles obtidos, anteriormente, em levantamento semelhante feito em relação aos superoítistas piauienses, aos quais chamamos de “espectro Torquato Neto”.

Na fase referida à pesquisa se deteve no levantamento de dados sobre a produção superoítista no Piauí, chegando a digitalizar e salvaguardar do extravio cerca de duas dezenas de filmes. Com este trabalho ampliamos a pesquisa para buscar compreender o circuito de produção e exibição de filmes experimentais em Recife.

O principal foco, neste momento do estudo, são os filmes feitos por Jomard Muniz de Britto, um intelectual pernambucano que teve forte influência sobre as primeiras peripécias tropicalistas em Pernambuco, aliando à sua condição de professor universitário em Recife e em João Pessoa uma intensa produção artística no interior da qual ressaltam os filmes experimentais (FIGUEIRÔA, 1994). Com sua poesia e especialmente com seus filmes JMB atacou a tropicologia e o armorialismo, afrontando uma visão canonizada da cultura brasileira no período. “O palhaço degolado”, principal foco do estudo nesse momento, é um símbolo exemplar da esgrima artística e intelectual de JMB contra Ariano Suassuna e Gilberto Freyre.

O procedimento metodológico consistiu, em primeiro lugar, num exaustivo levantamento bibliográfico, o qual foi feito com o intuito de situar, historicamente, JMB

e seus contendores. Nesse momento as obras clássicas de JMB – “Contradições do homem brasileiro” (1964) e “Do modernismo à Bossa Nova” (1966) –, de Ariano Suassuna – “A onça Castanha e a ilha Brasil” (1976) – e de Gilberto Freyre – “Casa grande e senzala” (1933) foram basicamente importantes. Em seguida, através de intercâmbio com o pesquisador Ricardo Maia Júnior, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), foi possível obter cópias da maior parte dos filmes de JMB, aos quais agregamos levantamento hemerográfico em jornais de Pernambuco, o que foi feito através de visitas – esparsas, em razão da ausência de financiamento – à FUNDAJ e ao Arquivo Público de Pernambuco. Com a posse desse material procuramos responder às questões formuladas no âmbito da pesquisa para a filmografia experimental pernambucana, o que significou pensar, a pretexto desse material, os embates em torno da noção de “cultura brasileira” no período em estudo.

Enfatizamos, no vasto conjunto das fontes levantadas, o já clássico filme “O Palhaço Degolado” (1976), por ser a obra mais representativa do confronto protagonizado por JMB em relação à noção de “Cultura Brasileira” presente em Ariano Suassuna e em Gilberto Freyre. Enquanto Freyre e Suassuna estavam assentados numa tradição intelectual nacional-popular (DIDIER, 2000), os movimentos de vanguarda ligados ao tropicalismo, onde militava JMB, existiam no limite da marginalidade, afrontando as formas dominantes de pensamento que limitavam a criação e a própria vivência artística. Foi possível identificar em Ariano Suassuna a influência das noções de cultura brasileira formuladas por Gilberto Freyre e as quais eram atravessadas pela concepção de miscigenação cultural e étnica como elementos ordenadores de nossa cultura (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 1999).

A nova ideologia hegemônica que iria se construir sob a égide destas concepções vai enxergar o Brasil como uma mistura homogênea de raças, país único em sua diversidade e na harmonia em que seus habitantes coexistem no território nacional, o que, por sua vez, constituiria nossa singularidade cultural (BARBALHO, 1999).

O que podemos encontrar de imediato no trabalho de Ariano Suassuna e no direcionamento do Movimento Armorial, fundado por ele nos anos 1970, remete às preocupações regionalistas dos autores da geração de 1930, tendo como centro a imagem de Gilberto Freyre (ORTIZ, 1985). Sob influência do Movimento Armorial uma parte da arte pernambucana vai contribuir para que os nordestinos vejam a sua

região como um lugar que exala nostalgia e "essência", seja da velha casa-grande, como demonstram os escritores da geração de 30, seja de outros traços daquela cultura tradicional, agora submetida à influência de processos modernizadores contra os quais os tradicionalistas vão se bater.

Na contramão desta "lógica histórica", tanto Jomard Muniz de Britto como outros artistas no Recife (teatro Vivencial, por exemplo) vão atuar através da transgressão estético-visual, no contra-fluxo do ideário nacional popular desta tropicológica-armorial, com trabalhos que, tais como "O palhaço degolado", problematizam esse ideário e propõem uma leitura e uma vivência crítica da arte pernambucana.

O estudo de "O Palhaço Degolado" (1976) permite apontar a censura cultural estabelecida em meio à ditadura militar, que promovia uma representação autoritária da nação, vinculada às concepções mostradas anteriormente.

Filmes como "O palhaço..." propõem a derrubada das cercas tropicológico-armoriais para atormentar poeticamente as políticas culturais oficiais, declarando a instabilidade das paisagens culturais imóveis nos esquemas governamentais de elaboração. Tais filmes apareciam para seus realizadores como uma possibilidade de transpor limites, de explorar as fronteiras da província e de dar novos significados à cultura.

As obras de Jomard Muniz de Britto, portanto, se inserem na história do audiovisual brasileiro como agentes antimonumentalizadores (MACHADO JR, 2005) das grandes narrativas e dos espaços legitimados da cultura nacional. Sua expressão dilata os horizontes culturais da época e problematiza a noção de cultura como permanência, deslocando seu significado para um fluxo dinâmico de linguagens, o que vai abalar os conceitos de brasilidade e de nordestinidade como aqueles de Suassuna e de seus companheiros.

Num comportamento transbunde anarcosuperotista, vinculado a um cinema de autor e livre de convenções institucionais e partidárias, JMB esgarça as novas formas de dar sentido à história, numa agressão e destronamento da arte pura e essencial das esferas aristocratizantes da cultura brasileira. Nesse sentido, JMB é um dos precursores

de movimentos culturais que posteriormente também vão se contrapor ao *establishment* armorial no Recife, tais como o *Mangue-beat*, na década de 1990 (FONSECA, 2005).

Uma nova possibilidade de dar outro sentido ao inventário cultural que traça as linhas de definição do ideal de “Cultura Brasileira”, fortemente vinculado ao passado canavieiro e à “tranqüilidade” do mundo escravista. O cinema experimental *jomardiano* é o instrumento histórico fundamental para compreender que a noção tropicológica da cultura nacional, formulada por Gilberto Freyre e continuada por Ariano Suassuna e seus seguidores não era um pensamento unânime entre os intelectuais naquele momento e que tal concepção se encontra ameaçada com a proliferação do experimentalismo vinculado ao “boom” da arte contemporânea radical no país.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A Invenção do Nordeste e Outras Artes*. São Paulo: Cortez, 1999.

BARBALHO, José. *O Estado Pós-64: a intervenção planejada na cultura*. In: *Política e Trabalho*. João Pessoa, 1999.

BRITTO, Jomard Muniz de. *Do Modernismo à Bossa Nova*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

BRITTO, Jomard Muniz de. *Contradições do Homem Brasileiro*. Rio de Janeiro: Edições TB, 1964.

DIDIER, Maria Thereza. *Emblemas da Sagração Armorial: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial 1970/76*. Recife: UFPE, 2000.

FIGUEIRÔA, Alexandre. *O Cinema Super 8 em Pernambuco: do lazer doméstico à resistência cultural*. Recife: Fundarpe, 1994

FONSECA, Nara Aragão. *O Manguebeat como Política de Representação*. XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Uerj - 5 a 9 de setembro de 2005.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. 50ª ed. São Paulo: Global, 2005.

MACHADO JR, Rubens. O Cinema Experimental no Brasil e o Surto Superoitista dos Anos 70. In: *4 X Brasil*. AXT, Gunter; SCHULER, Fernando. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2005.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira & Identidade Nacional*. Editora Brasiliense. 1985.

SUASSUNA, Ariano. *A Onça Castanha e a Ilha Brasil: uma reflexão sobre a Cultura Brasileira*. Recife/PE: Interativa; Projeto Virtus, 2003.